



O CORPO; O NADAR E A MÁQUINA À LUZ DE NORBERT ELIAS

Geni Missae Iano de Moraes
Aluna Pós Graduação FEF UNICAMP;
Profª Ms. Atividades Aquáticas e Atividades Rítmicas da Universidade de Santo Amaro –
UNISA - gmoraes@unisa.br
Rua Casa do Ator, 958 apto. 22 Vila Olímpia – São Paulo-SP – Brasil
Fones: (11) 3842-6688 e (11) 9733-3465

Resumo

O objetivo deste texto foi refletir sobre algumas questões que envolvem o Nadar, na visão de Catteau e Garoff fazendo um paralelo à Educação no Corpo de Soares numa análise histórica-sociológica, numa perspectiva de longa duração à luz da teoria de Norbert Elias. Tentamos viabilizar uma aproximação na teoria dos processos de civilização, em relação aos aspectos controle e autocontrole, bem como o tempo na visão elisiana.

Palavras-chave: corpo; nadar; processo civilizador

Justificativa

Com este ensaio, pretendo refletir em alguns aspectos que ainda me afligem. O nadar é muito amplo, pretendo me ater ao nadar na corrente global e mais especificamente a corrente analítica, segundo Catteau e Garoff. E no que diz respeito ao corpo, não seria diferente, procurarei me ater a uma obra de Soares de 2002, “Imagens da Educação no Corpo”, onde ela irá tratar as questões do corpo no século XIX. E neste paralelo, as obras de Elias – Processo Civilizador I e II e o Tempo, estarão permeando, dando a luz à estas obras numa visão ao longo do tempo.

Ao entrar em contato com as obras de Norbert Elias, pude perceber que o acontece hoje, é apenas reflexo de um processo civilizatório. Na teoria de Elias é preciso olharmos ao longo do tempo, para podermos encontrar algumas explicações, para que possamos entender o que possivelmente está acontecendo no presente. Daí meu encantamento pelas obras de Elias, e meu desafio na tentativa de aproximação de sua teoria para iluminar algumas das questões que envolvem o nadar e a educação do corpo.

Introdução

“o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica” (Elias, 1993, p.193-4)

O que nos motivou a reflexão nos aspectos que envolvem o corpo, foi a necessidade de uma maior compreensão desta temática, principalmente olhar o que hoje acontece com o corpo. Talvez uma teoria não dê conta de explicar toda a complexidade que está por trás deste tema, nesse sentido, nosso intuito é apenas entender por meio da teoria de Norbert Elias o que está acontecendo com este corpo.

A obra de Elias nos faz entender alguns aspectos acerca da realidade. Sua teoria nos mostra que é preciso, nos remetermos ao passado, e entendermos que, o que ocorre hoje, é apenas reflexo do que aconteceu ao longo da história, portanto, são aspectos históricos sociológicos que poderão iluminar nossa problemática.

Será um desafio, buscar uma reflexão na cultura das sociedades. Analisar como o nadar aconteceu historicamente. Como ocorreram as configurações, o jogo de poder, o controle e autocontrole e as tensões ao longo do tempo. Como na visão de Catteau e Garoff o homem lidou com os três problemas que acompanham o nadar ao longo tempo. Paralelamente estaremos buscando na história como foram as tensões ligadas ao corpo, e para isso estaremos nos apoiando na obra de Soares - *Imagens da Educação no Corpo*. E nesse sentido, observar como o tempo é antes de tudo um símbolo social, resultado de um longo processo de aprendizagem, na visão elisiana.

Fundamentação teórica/ Teoria de Elias

Na teoria dos processos de civilização de Norbert Elias, o processo de desenvolvimento dos indivíduos é entendido que ao analisarmos o conjunto histórico não podemos dizer que as mudanças ocorridas em direção a uma nova ordem social foram racionalmente planejadas, mas também não se pode reduzir essas mudanças “ao aparecimento aleatórios de modelos desordenados”

Elias mostra na teoria dos processos de civilização, as relações sociais existente na sociedade guerreira, passando pela sociedade feudal e pela sociedade de corte absolutista e terminando na sociedade burguesa. Todo esse processo histórico não se deu de forma linear e sim de avanços e recuos. (Elias, 1994,p.185)

O corpo – processo histórico

Pensando neste processo histórico, não daríamos conta de explicitar o todo, então vamos nos restringir a fazer um traço histórico a partir do século XIX, onde ao tratarmos de corpo estaremos buscando subsídios nesta obra de Soares, onde ela divide em quatro capítulos: o primeiro: *As Imagens*; o segundo: *Educação no Corpo: a Rua, a Festa, o Circo, a Ginástica*; o terceiro: *o Corpo Moldado: a limpeza e a utilidade* e o quarto: *o Corpo Adestrado: o indivíduo, disciplinador de si mesmo*.

As Imagens, este primeiro capítulo é todo feito de imagens, que segundo a autora (...) a imagem, uma gravura, uma pintura, uma fotografia – revela-se por si mesma. (...) a forma imagem com suas linhas, superfícies, perspectivas, manchas, é também a forma de

pensar o que a imagem mostra. (...) os significados das imagens são também os significados de como elas se mostram. Imagens estas que nos remetem desde imagens das ruas, do circo, das festas até Amoros ministrando uma aula de Ginástica. São imagens de como as pessoas se manifestavam de forma livre... até o “corpo adestrado”.

Educação no Corpo: A Rua, a Festa, o Circo, a Ginástica, neste capítulo, Soares nos mostra como o Corpo é manifestado. Desde as manifestações de ruas, no circo, nas festas até a Ginástica. E que ao longo do século XIX o corpo começa a ser “moldado”. Onde se busca por meio da Ginástica códigos de civilidade.

Soares destaca que (...) o mundo do circo trazia imagens de luz e riso, do grotesco e do sublime e, sobretudo, do corpo como centro de entretenimento. (...) tinham como proposta cultivar o riso, o sonho, a fluidez e a mutação constante de homens a animais, numa criatividade intensa e cativante. É nesse sentido que ela nos faz enxergar como o corpo era cultuado de forma prazerosa.

O Corpo Moldado: a limpeza e a utilidade, neste capítulo Soares retrata principalmente a questão da Ginástica. E Amoros não poderia deixar de ser mencionado, onde na época, ele conquista à todos de Paris com seu método ginástico.

Passando de um corpo livre para um corpo com finalidade, com utilidade. Amoros cria “a ciência da ginástica geral”, com 17 itens.

Ao longo de todo o século XIX, na Europa, a ginástica científica afirma-se como parte significativa dos novos códigos de civilidade. Onde se exhibe um corpo ereto, rígido, simétrico. Cujo enfoque é destinado aos exercícios físicos para moldar e adestrar o corpo, para se assegurar a ordem coletiva, dita pela sociedade burguesa. (Soares, 2002)

Uma ideologia cientificista impregna a vida de indivíduos, grupos e classes, transformando a sociedade em um grande organismo vivo que tende a evoluir do inferior ao superior, do simples ao complexo, e onde tudo pode (e deve) ser medido, classificado, comparado, definido e generalizado a partir da descoberta constante de “leis”.

Nesse período, surge a ginástica francesa, com o Coronel espanhol Francisco Amoros. Para desenvolver suas idéias, inspira-se em Pestalozzi, onde a formação da criança não era apenas vista como a aplicação do exercício físico mas também estético e sensorial. A ginástica, permitiu à Amoros, de transitar da aristocracia espanhola para a francesa. O rei da França Luis XVIII ordena criar um ginásio civil e militar, onde ele, Amoros se torna diretor.

(...) Amoros conseguiu demonstrar uma relação direta que poderia existir entre “sua” ginástica e a saúde dos indivíduos.

Ele também foi considerado precursor da ciência da análise e mecanismo do movimento. Outra característica importante além da eficiência também a beleza do movimento. Ganha-se destaque a questão da estética, ou seja, o “corpo belo”.

O Corpo Adestrado: o indivíduo, disciplinador de si mesmo, neste último capítulo a autora mostra como a ginástica passa a compor a terapêutica das doenças respiratórias, a educação da respiração é acentuada. Os estudos sobre a respiração se fundamentam no campo da química.

Segundo momento da Ginástica na França, embora com questões militares, mais próximas de cientistas, médicos, higienistas e laboratórios.

Entre as atividades que lá ocorriam, destaca-se grandes festas cívicas, realizadas anualmente, alguns atos que ele classifica como virtude e bondade, como por exemplo o salvamento, daí a necessidade do ato de nadar. Nadar este, que passa desde a visão utilitária bem como a visão “máquina”.

O trabalho com aparelhos incluía não só a execução de exercícios, mas também a compreensão, pelo aluno, de sua construção e das inúmeras possibilidades de modificação, de acordo com as circunstâncias de uso, tudo isso centrado nas idéias advindas de Ling.

Baseado então na obra de Ling, Amoros justifica os aspectos científicos presentes na utilização dos aparelhos. Ele acredita que a utilização correta das “máquinas” é necessário deter-se no estudo da força e de sua aplicação, pois sendo ela “uma potência que produz um efeito, pode ser útil ou prejudicial aos interesses públicos e aos interesses particulares, conforme seja bem ou mal empregada” (Amoros apud Soares, 2002, p 63)

O ato de nadar nu ou vestido, com fardos e , sobretudo, com armas de fogo, bem como o ato de transportar, com destreza, corpos incômodos, por vezes homens ou crianças, quer evidenciar a necessidade de precisão e utilidade destes meios ginásticos, e de outro, realçar que o salvamento de pessoas é da esfera e do interesse público e não somente militar.

As idéias amorosianas inscreviam-se com intensidade e precisão nesta cultura utilitária. Mostravam aos apelos de ordem, disciplina, fixidez. Atuavam no corpo e pretendiam, a partir dele, pela autodisciplina, a extensão desta ordem à sociedade. (Soares, 2002, p.69)

Aqui fica claro a questão que Elias coloca a respeito do controle e autocontrole. A teorização sobre o controle dos impulsos inclui a discussão sobre a instalação e o desenvolvimento do autocontrole nos indivíduos. Esse processo acompanha as transformações ocorridas no desenvolvimento das sociedades. Um dos motivos apontados por Elias para o aumento do autocontrole foi a pressão da competição pelas diversas funções sociais. Na medida em que a sociedade se diferenciava, aumentava o número de funções sociais e o grau de dependência entre as pessoas, fazendo com que estas, cada vez mais, pautassem a sua conduta e seus hábitos em relações às outras. O autocontrole passou a fazer parte da personalidade do indivíduo na medida em que “o controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma autocompulsão à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse”. (Elias, 1994, p.195-6)

Para Elias, funções sociais modeladas segundo as respectivas estruturas sociais. O monopólio da força física atuará sobre o indivíduo, refreando suas emoções, ele exerce influência decisiva na formação do indivíduo, na medida em que modifica

“todo o aparelho que modela o indivíduo, o modo de operação das exigências e proibições sociais que lhe moldam a constituição social e, acima de tudo, os tipos de medos que desempenham um papel em sua vida” (Elias, 1994, p.17)

Para ele, o autocontrole é o código social de conduta, gravado tão fortemente no indivíduo que torna-se um elemento constituinte do próprio, agindo até quando o indivíduo encontra-se sozinho (op.cit. p. 263)

O Nadar

Estaremos observando como se dá esta relação do corpo com a água. Qual é o grau de interdependência que existe, como este corpo se relaciona com o meio (água). Estaremos observando o nadar livre: exploração do espaço, depois um nadar livre: num espaço mais delimitado e posteriormente um nadar livre: num espaço delimitado e técnico. Sempre lembrando que Elias estará nos norteando na questão do tempo e do processo civilizador, principalmente na questão do controle e autocontrole.

Tudo indica que as origens da natação se confundem com as origens da Humanidade. Catteau e Garoff, cita em sua obra, que o Homem raramente entrou em contato com a água por medo, freqüentemente por necessidade e às vezes por prazer.

Em sua obra observamos um desenho descoberto numa caverna das grutas do deserto da Líbia, os arqueólogos calculam que ela remonta a 9.000 anos antes da nossa era. É a mais antiga ilustração atualmente conhecida da arte de nadar.

Parece verossímil imaginar que ela representa uma atividade “utilitária”, pois supõe-se que os braços, sempre estendidos, puxem o corpo que flutua. A ação das pernas é simultânea à dos braços.

Três mil anos antes da nossa era, o hieróglifo “nadar” atesta um raro grau de acabamento da técnica que, mais tarde, receberá o nome de crawl. O batimento das pernas é aí representado nitidamente e a amplitude do movimento alternado dos braços é notável.

Muitos documentos relativos a arte de nadar sobreviveram aos séculos e às civilizações. Pinturas, murais, baixo relevos, vasos ou fragmentos de vasos pintados, de estatuetas, mosaicos e toda uma literatura relatando as proezas dos nadadores atestam a importância desta arte na vida dos homens e um conhecimento completo da técnica.

Para Catteau e Garoff aprender a nadar representa uma sucessão de problemas ligados ao equilíbrio principalmente por sermos bípedes e a necessidade de sobreviver a esta experiência.

Nesse sentido, eles destacam três problemas, que perseguiram o Homem desde o princípio até hoje. São os problemas: o equilíbrio, a respiração e a propulsão.

Primeira preocupação o **equilíbrio**: a busca constante do bípede(homem) a buscar o equilíbrio horizontal, no sentido de facilitar tanto em decúbito ventral como dorsal a liberdade dos membros superiores, bem como dos membros inferiores.

Segunda preocupação a **respiração**: a adoção da posição ventral de equilíbrio que se aproxima da horizontalidade implica inevitavelmente na imersão cada vez mais acentuada do rosto e a partir desse momento se coloca o problema da respiração, onde inicialmente era feita com flexão e extensão do pescoço.

Terceira preocupação a **propulsão**: a partir do momento que os dois problemas precedentes encontraram uma solução satisfatória é que o Homem procurou descobrir os movimentos que garantiram o seu deslocamento. E a busca da velocidade.

Para entendermos este processo os autores dividem a pedagogia da natação em três momentos: concepção global; concepção analítica e a concepção moderna. Onde estaremos nos focalizando principalmente nas concepções global e analítica.

Concepção global: esta corrente é a mais antiga. Durante muito tempo, as aquisições tenham sido feitas de forma global, sem preocupação de métodos ou de organização da aprendizagem.

Algumas imagens citadas pelos autores: Um documento antiquíssimo, A Pintura mural etrusca – século VI a. C.; A Fonte de Netuno (documento da época romana); o detalhe da fonte de Netuno. Também aqui se observa um nado com movimentos alternativos e das pernas; primeira “visão” submarina de um nadador. Pode-se observar a qualidade técnica deste nado alternado. As pontas dos pés estão estendidas. Um dos braços terminou sua ação motora e está em plena extensão. O outro braço vai começar a estender-se: a mão está flexionada sobre o antebraço na “tomada de água”.

Nas obras citadas pelos autores, fica claro como se deu a concepção global, e que a partir desta concepção começaram a se destacar os problemas do nadar.

Surge então a **concepção analítica:** representa ao longo de sua evolução uma tentativa de “racionalização” da aprendizagem. Se destaca pela redução apenas aos “movimentos”; as “posições”; as “repetições”.

A “natação a seco” generaliza-se; onde é praticada nos pátios de quartéis, em ginásios e mesmo nos pátios de escolas.

Depois do fracasso do tamborete, passou-se a suspender as pessoas na água. Pelo fato de se ter confundido finalidade e meio, temos aqui uma curiosa utilização das barras paralelas, onde se dependurava, no sentido de se obter “as posições” de determinado nado.

“Antes de nos lançarmos à água, escrevera Demeny, precisamos saber quais movimentos fazer dentro dela” A natação a seco estava “justificada”. (extraído do *Méthode de Natation*, por Beulque e A Descarpentries, 1922 apud Soares, 2002)

Outro destaque extraído de um manual para uso das professoras primárias, editado em 1887. Aqui está, executado em tamborete, o nado de peito em 4 tempos (Catteau e Garoff, 1990).

Não poderíamos deixar de mencionar este aparelho que buscava a minimização do equilíbrio, o aparelho Paul Beulque na sua primeira versão. Um pouco mais tarde, cada elemento de contra-peso em balanço foi fixado numa potência. (extraído da obra de P. Beulque e A Descarpentries *Méthode de Natation*, 1922 apud Pilayo, 2002)

Tanto no plano técnico como no pedagógico, o carrossel de Chevalier marca uma inegável regressão com relação à invenção do Dr. Blatin. (Soares, 2002)

Com o aparelho Trozquier é possível, nas condições habituais de utilização (nado ventral), satisfazer uma regra de ouro da pedagogia: “ver todos os alunos” e “ser visto por todos eles” (Pilayo, 2002)

Segundo passo na dispensa do pedagogo. A máquina conduz ao suicídio pedagógico (extraído da revista *Educacion Physique et Sport.*). Partindo dessa definição, o homem conseguiria chegar no resultado desejado, bastaria saber contar até 3, 4, 5, ou 6 que se chegaria no movimento total automatizado, obtendo-se a posição desejada.

Cada momento destacado na concepção analítica foi na tentativa de amenizar os três problemas, ora o equilíbrio, ora a respiração, ora a propulsão. O que fica evidente é o jogo de tensões que permeavam cada uma destas etapas. O controle e autocontrole é fortemente visível nesta relação de poder.

Considerações Finais

O interessante ao ver as obras de Elias, é como ele nos leva a descobrir fatos, que outrora não nos demos conta ao nos remetermos na história da sociedade. O quão interessante se torna a descoberta dos acontecimentos, a maneira sutil que ele tem para olhar para coisas tão simples e que nos revela uma complexidade de fatos

Elias nos faz enxergar que não se deve olhar apenas o fato e sim percorrer ao longo do tempo, não um tempo retilíneo, cronológico e sim um constante devir.

O corpo e o nadar observado ao longo do tempo, principalmente quando Soares destaca no terceiro e quarto capítulo e Catteau e Garoff nos mostra na concepção analítica, fica claro que o jogo de tensões, a relação de controle e autocontrole são fortemente evidenciadas, e é interessante como olhando pela ótica de Elias, isto fica claro.

THE BODY; SWIM AND THE MACHINE FOR NORBERT ELIAS

Abstract

The objective of this text was to think about some questions considering the swim in Catteau and Garoff points of view, comparing it with the Body Education of Soares, in a historical and sociological analysis in a long term perspective considering The Norbert Elias Theory. We tried an approach in The Civilization Process Theory, considering the control and self-control aspects, besides the time in the Norbert Elias concept.

Key words: body; swim; civilization process

Referências Bibliográficas

CATTEAU, R. e GAROFF, G. **O Ensino da Natação**. 2ª ed. São Paulo: Manole, 1990, 381p

ELIAS, N.. **O Processo Civilizador I: Uma história dos costumes**. Volume 1 Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, 277p.

_____. **O Processo Civilizador II: Formação do Estado e Civilização**. Volume 1 Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, 307p.

_____. **Sobre o Tempo**; editado por Michael Schröter: tradução: Vera Ribeiro: revisão técnica: Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, 165p.

PILAYO, P. **IX th World Symposium Biomechanics and Medicine in Swimming**. Saint Etienne. France, 2002

SOARES, C. L. **Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX**. 2 ed. Campinas - SP.: Autores Associados, 2002, 145p.